

PEDAÇOS DE MIM (excertos)

LUTAR OU FUGIR

Lutar ou fugir? Lutar, claro. Sempre! Arregaçar as mangas e lutar. Contra a inércia, a incompetência, a ignorância, a maledicência... Lutar pela vida, por ti... Sim, se necessário for, luto por ti. Nunca fui mulher de fugir, não ia ser agora.

Aprendi a respeitar a tua postura: ignorar ou explodir. Aprendi a respeitar, porque compreendi o quanto te magoaram... E como permitiste que te tornassem amargo.

Tu brincas com a tua vida. Enganas-te, fingindo estar feliz. E estar não é o mesmo de ser, meu amor.

Há uns tempos disse-te que merecias alguém melhor que eu. Porém, sei que melhor não vais encontrar. Nunca ninguém alguma vez te amou como eu. Nunca ninguém te será fiel, a todos os níveis como eu. Estamos a permitir que medos, receios e fantasmas do passado se apoderem de nós...

Amo-te. E quando digo que te amo, é porque te amo! E este amor mudou-me. Mudou a minha vida.

Contigo reencontrei-me. Aprendi a conhecer, e reconhecer, os meus defeitos e hábitos.

Não gosto de ser contrariada, sou teatral, melodramática e tenho rasgos de diva, dizes tu.

Sorrio. Só.

É tão fácil apontarmos defeitos um ao outro, lutando contra nós próprios. Contrariamente ao que pensas, nunca te quis atrás de mim, mas sempre, sempre, ao meu lado. Para mim, tu sempre foste “nós”.

És como a água, disse-te, escorregas-me por entre os dedos. Mas não vês tu que não tenho intenção de estancar o teu percurso?! Antes pelo contrário. Quero que sigas o teu destino, como qualquer rio, lutando contra todas e quaisquer adversidades, contornando e ultrapassando todos os obstáculos, ganhando força e vitalidade em direcção à foz. Onde, ambos, nos encontramos e nos fundimos no oceano.

Não sou mulher de fugir. E muito menos aos meus sentimentos.

Não sou mulher de baixar os braços. Enfrento o inimigo de peito feito, cabeça erguida e convicta na vitória.

Até porque, o cancro também morre!

CONFISSÃO

Fui gerada e nasci como todos, claro está! Embora não consiga conter o sorriso com a hipocrisia de alguns quando pensam que saí debaixo de alguma pedra – assim seria irmã deles! Quem me conhece – quem realmente me conhece – sabe que, embora afirme que tenho mau feitio... como direi... é uma..., digamos, película protectora.

Mas quem realmente sou?

Tive uma infância tranquila, por vezes solitária mas com muito colo, principalmente da minha *nonna*.

Uma adolescência irreverente, cheia de descobertas, umas boas, outras interessantes, outras que marcaram e aguçaram o desejo de querer mais e mais, e outras... que prefiro não comentar!

Já me apaixonei e por mim se apaixonaram; já amei e soube o que era ser amada; já vivi enamorada e odiei!

Já ri, cantei, dancei e chorei muito. Já chorei de tristeza, por amor, por raiva e por ciúme até! Mas também já chorei de felicidade, com o simples sorriso do meu Francisco, com o abraço sincero dos meus amigos, a ouvir uma musica, a ver um filme, com uma voz e com o talento de alguns actores.

Já me atribuíram amores que não tive, casamentos com gente que não conheço, filhos que não pari; já ri à gargalhada e outras vezes... sorri.
Já provei o sabor amargo da desilusão e desiludi.
Já confundi vingança com justiça.
Já caí tantas vezes – e outras tantas me levantei - que já perdi a conta. Irónico é que muitas delas tropecei em mim mesma!
Já bebi até adormecer; já dormi a chorar; já adormeci no banho e já tomei banho nua no mar!
Já quase morri por amor, de saudades e de dores acutilantes.
Já acordei para a vida e outras vezes acordei sem saber onde...
Já disse coisas que não devia e ouvi outras que escusava.
Já vivi com tudo e tive de aprender a viver no nada.
Já perdi pessoas, e esforcei-me para nunca me perder.
Já fiz sexo com amor, “sexo animal”, fiz por fazer, e escusei-me a fazê-lo.
Tudo o que fiz, está feito.
Há feitos de que me orgulho outros que preferia esquecer-los, porém relembro-os para não repetir o mesmo erro... Mas o mais importante, não vivo na incógnita de não os ter feito.
A cada dia descubro uma nova ruga, um novo cabelo branco, um poro dilatado pela falta de frescura na pele; mas que importância tem tudo isso?! Para quem já tomou chá com a morte, o que realmente importa é poder dizer: estou viva!

©Paula Martín da Silva (in “Pedaços de Mim”)